



A FUNÇÃO DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sarah Camello Vasconcellos¹ - UNICAP

Ana Lúcia Francisco² - UNICAP

Eixo Temático: Educação Infantil

Resumo

Partindo da contribuição winnicottiana acerca do papel do ambiente no amadurecimento pessoal, utilizaram-se recortes da prática profissional e achados de pesquisas acadêmicas para pensar as possibilidades de atuação do psicólogo dentro do ambiente escolar. Os profissionais de creche e da Educação Infantil podem vir a ter uma função primordial no processo de constituição subjetiva de crianças institucionalizadas cada vez mais precocemente, atuando em conjunto numa rede de cuidados que se estabelece com agentes da esfera familiar, institucional e social. Alguns questionamentos são levantados e sugestões de estratégias de ação são apontadas como possibilidade de intervenção junto a crianças cujo desenvolvimento emocional tenha vivenciado falhas em seu percurso. Reflexões acerca do papel do brincar e da criatividade são trazidas como contribuição para a atuação na esfera escolar, assim como a importância de alianças com a família e os demais cuidadores que venham a assistir as crianças com dificuldades em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. O papel do brincar. Psicólogo escolar.

Introdução

Este trabalho traz reflexões suscitadas a partir de minha prática profissional enquanto psicóloga educacional, elaborações iniciadas junto a um grupo de pesquisa que problematiza o desenvolvimento na primeira infância, a aprendizagem e a afetividade, assim como algumas considerações decorrentes de minha pesquisa de doutoramento, que trouxeram à tona

¹Psicóloga educacional, com mestrado em Psicologia Clínica, UNICAP; doutoranda, vinculada à linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP; pesquisadora do Núcleo de Investigação em Neuropsicologia, Aprendizagem, Afetividade e Primeira Infância (NINAPI – UFRPE). E-mail: scvasconcellos@gmail.com.

²Psicóloga, psicoterapeuta, com mestrado e doutorado em Psicologia Clínica, PUC-RJ; pesquisadora vinculada à linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP e ao Laboratório de Pesquisa Clínica Fenomenológica Existencial, UNICAP. E-mail: ana.francisco@terra.com.br.

elementos para discutir o papel da instituição escola no processo de desenvolvimento humano.

A oportunidade de discutir o extramuros da Psicanálise, saindo de sua referência eminentemente clínica e de cura do sintoma, para adotar uma perspectiva de trabalho em rede, de coagenciamento em diferentes espaços de cuidado, parece ser terreno bastante fértil para pensar a educação escolar formal e a sua função na constituição psíquica do sujeito.

O encontro da psicóloga com a professora e a pesquisadora nos pátios da escola convida Donald Woods Winnicott e alguns interlocutores para uma interessante conversa. A partir da concepção winnicottiana de ambiente e de suas elaborações conceituais acerca da transicionalidade, trazemos breves considerações teóricas para situar a nossa discussão.

Os profissionais de creche e da Educação Infantil podem vir a ter uma função primordial no processo de constituição subjetiva dessas crianças, atuando conjuntamente numa rede de cuidados que se estabelece com agentes da esfera familiar, institucional e social. Objetivado a discutir esse aspecto, o presente trabalho traz considerações teóricas e alguns recortes de nossa prática profissional, além de achados de pesquisas acadêmicas para apontar possibilidades de atuação do profissional de Psicologia dentro do ambiente escolar.

O ambiente e a sua função no desenvolvimento humano

A noção de ambiente é complexa e a sua amplitude perpassa toda a obra de Winnicott, que considera que “um bebê não é o que poderia se postular pela avaliação do potencial desse bebê. Ele é um fenômeno complexo que inclui o seu potencial e *mais* o seu meio ambiente” (WINNICOTT, 1970b, p. 196). Tal definição reforça o seu aforismo “o bebê, isso não existe”, referindo-se ao fato de que o bebê humano prescinde de um cuidador adequado para que possa atingir todas as suas potencialidades.

O que existe é uma unidade, formada desde o início pela primazia do aspecto relacional que se estabelece decorrente da dependência do bebê para com os cuidados suficientemente bons do ambiente. Mesmo quando consegue contemplar as diferentes tarefas do seu processo de desenvolvimento e torna-se uma pessoa com uma identidade unitária, será sempre um indivíduo no ambiente, em relação com outro necessário para o atendimento de suas necessidades.

Em seus estudos de doutoramento, Araújo (2007) propõe a formulação de uma teoria do contato indivíduo-ambiente, apresentando a existência do ambiente mãe, do ambiente pai,

do ambiente família, do ambiente sociedade e do ambiente instituição, além de tecer considerações acerca da relação entre o ambiente e a criatividade. Parece-nos bastante adequado pensar uma gradação das camadas que se sobrepõem e vão conferindo um sentido de existência ao sujeito, em especial se pensamos nesse sujeito em formação chegando cada vez mais precocemente aos cuidados institucionais.

- ***Ambiente mãe***

Já bastante difundido nos estudos psicanalíticos, o ambiente mãe surge nas considerações winnicottianas acerca da suficiência materna capaz de possibilitar a passagem de um estado de não integração para a constituição de um ego unitário, que possibilita o sentimento de continuidade de existência. Não se trata apenas de uma presença física, mas, sobretudo, da capacidade psicológica dessa mulher de se identificar genuinamente com o seu bebê (WINNICOTT, 1989b *apud* ARAÚJO, 2007), prestando-lhe cuidados de modo a atender as suas necessidades.

Além da presença da referida identificação, é necessário que o ambiente imediato funcione de modo tal que seja possível a essa mulher oferecer a estabilidade necessária para possibilitar a concretização da tendência inata à integração do seu bebê. Além disso, é importante que a mãe tenha sido um bebê suficientemente cuidado e que tenha condições de reconhecer o ser do bebê, refletindo isso em seu rosto. Winnicott (1971a *apud* ARAÚJO, 2007, p. 39) ressalta que “em algumas ocasiões, a mãe pode refletir o seu próprio humor, ou suas rígidas defesas, e não o bebê que está ali para ser visto”, trazendo consequências usualmente patológicas para o ser em processo de desenvolvimento.

A mãe, enquanto ambiente total, só pode ser alcançada se o pai do bebê, a família e, até mesmo, o meio social em que vivem possibilitarem um estado de coisas tal que essa mulher possa ocupar-se dos bons cuidados, os quais vão muito além da manutenção corporal e das atividades ligadas à alimentação, à higiene e ao sono.

- ***Ambiente pai***

O ambiente pai tem lugar num momento do desenvolvimento em que o bebê já é capaz de diferenciar-se do objeto com o qual se relaciona, figurando inicialmente como expressão do maternal e, em seguida, com a sua figuração enquanto homem. Ainda antes de tornar-se

perceptível para o bebê, o pai tem importante função na sustentação do ambiente que viabilize a manutenção da preocupação materna primária por tempo suficiente para o atendimento das necessidades mais primitivas da criança.

O pai proporciona à mãe suporte e, ao bebê, um lar, um sentimento de proteção decorrente da sustentação do ambiente pai, o qual deve impedir interferências bruscas do exterior da unidade mãe-bebê no contínuo de cuidados que se encontra em curso. Sobre esse aspecto, Winnicott (1965vf, p. 23) observa que:

[...] devido ao fato de em geral haver algum tipo de proteção estendida em torno da mãe, proteção esta organizada talvez por seu marido [...] produz-se o estado especial da mãe em relação à criança. [A vulnerabilidade da mãe pode ficar evidente] por um colapso da cobertura protetora, um colapso daquilo que permite à mãe estar voltada para dentro e esquecer os perigos externos durante sua preocupação materna primária.

Assim como ocorre com a mãe, a capacidade do pai de exercer essa função indispensável para o adequado desenvolvimento de sua criança vai depender do próprio amadurecimento pessoal, que deve ter transcorrido bem para que ele se torne um homem capaz de preocupar-se com a mulher que ele engravidou, vivendo o sentimento de paternidade.

Quando ocorrem falhas na sustentação paterna, Araújo (2007, p. 52) aponta que o próprio Winnicott sugere que “a família, uma instituição, ou a sociedade precisam assumir esse papel paterno de sustentação junto à mãe”. Nessa direção, dando continuidade às considerações acerca das camadas de provisão ambiental que se sobrepõem ao longo do desenvolvimento, havendo falha em uma dessas duas instâncias ambientais, a dimensão seguinte deveria dar conta do atendimento às necessidades não supridas da criança.

- ***Ambiente família***

Araújo (2007) traz o ambiente família com a função de incentivo à busca da independência simultaneamente com a possibilidade de acolher novas condições de dependência quando o desafio do amadurecimento trazer para a criança dificuldades maiores do que seus recursos sejam capazes de superar.

o cuidado proporcionado pelos pais evolui para a família e esta palavra começa a ter seu significado ampliado e passa a incluir [...] outros indivíduos que adquirem o *status* de parentes devido à sua grande proximidade ou a seu significado especial. [Ao examinar o interesse da família pelos filhos], não podemos deixar de notar a

necessidade humana de ter um círculo cada vez mais largo proporcionando cuidado ao indivíduo [...]. (WINNICOTT, 1965p, p. 130-131).

Além de atuar como ampliação dos braços da mãe na sustentação do indivíduo (WINNICOTT, 1965p), o ambiente família tem uma função que “é mais do que uma questão de conforto e conveniência. De fato, a unidade familiar proporciona uma segurança indispensável (...)” (WINNICOTT, 1940a, p. 18) à manutenção do sentimento de continuidade de existência do sujeito, possibilitada pela existência de um lar coeso e de uma família que funciona (WINNICOTT, 1968e).

Ao mesmo tempo em que o indivíduo busca círculos cada vez maiores para dar continuidade ao seu processo de amadurecimento, esses espaços vão sendo mutuamente invadidos pelo ambiente. Na concepção winnicottiana, quando saímos do registro de um desenvolvimento típico, falhas significativas podem ocorrer em diferentes fases do desenvolvimento da criança, e é importante que o círculo mais amplo procure suprir a necessidade não contemplada. Assim sendo, caberia à família reparar a falha dos pais e à sociedade reparar as falhas da família, considerando ser sua obrigação viabilizar o provimento familiar. Considerando os padrões familiares como referência para todos os grupos com os quais vai ser preciso conviver, mediante uma falha na sustentação da criança por parte da família, “há a necessidade de fazer a sociedade se dar conta e compensar” (WINNICOTT, 1965ve, p. 188).

- ***Ambiente sociedade***

Assim sendo, o ambiente sociedade seria paradoxal e simultaneamente criado pelos indivíduos ao mesmo tempo em que os processos coletivos influenciariam o crescimento daqueles que compõem essa sociedade (WINNICOTT, 1969c). As relações estabelecidas pelos indivíduos com os diferentes objetos seriam recriação do ambiente social, ao passo que “a estrutura da sociedade reflete a natureza do indivíduo e da família” (WINNICOTT, 1986b *apud* ARAÚJO, 2007, p. 63).

Ainda antes do seu nascimento, o indivíduo tem a participação ativa da sociedade em seu processo de amadurecimento. Desde o contato com diferentes grupos familiares, passando pelos cuidados médicos, por professores que transmitem a educação formal e a convivência com os demais cuidadores, representam possibilidades de construção de pontes de

confiabilidade na provisão ambiental, sendo necessário, no entanto, que haja certa constância tanto das pessoas quanto dos cuidados dispensados para com as crianças.

- ***Ambiente instituição***

Nas considerações acerca da sociedade, o ambiente instituição, onde se assenta a escola, figura como uma parcela do social, cuja estabilidade promovida por códigos e normas de conduta viria a complementar os papéis parentais, ou mesmo substituí-los, caso ausentes. Nesse caso, a principal função do ambiente institucional seria promover condições básicas para o desenvolvimento do indivíduo como ser social.

Em algumas situações de desenvolvimento atípico, onde falhas significativas tiveram lugar no processo de constituição do sujeito, instituições de cuidado com os mais diversos fins, tais como escolas, abrigos, casas lares, casa de correção, instituições terapêuticas, entre outras, têm papel de suplementar e ampliar o papel de *holding*, desempenhado pela função materna, que pode ter sido falha e insuficiente para o atendimento das necessidades da criança. Nesses espaços, aquilo que seria a sua atividade principal, como o ensino, no caso da escola, torna-se secundário, e o manejo passa a ser o principal foco, aproximando-se de uma intervenção de cuidado que pode vir a ter função terapêutica, mesmo não sendo psicoterapia.

Não cabe ao Estado identificar a suficiência da maternagem e da provisão ambiental de cada casa, mas este pode ser acionado para atuar como complementação junto aos cuidados que estão podendo ser oferecidos, com vias à compreensão dos fatores que estão bloqueando o desenvolvimento emocional da criança. A instituição pode assumir esse papel de complementaridade ou, até mesmo, de substituição, vindo a oferecer um ambiente estável e pessoal, tolerante para com os impulsos muitas vezes reprimidos nos lares de origem, os quais precisam se expressar para dar continuidade ao processo de desenvolvimento emocional das crianças. Para tanto, deve ser pequena e ter cuidadores que não estejam sobrecarregados de trabalho, ocupando-se de um número de crianças de que realmente é capaz de cuidar (WINNICOTT, 1947e), o que, infelizmente, difere bastante das nossas realidades institucionais.

As crianças que tiveram, mesmo que precariamente, algum tipo de estrutura familiar em seus primeiros tempos de vida apresentam problemas que não precisam, necessariamente, de Psicanálise enquanto intervenção terapêutica, mas, sim, de um tipo específico de cuidado, o qual deve administrar o manejo que possibilite a sustentação dessas crianças em suas

necessidades mais básicas. A escola configura-se, assim, como espaço privilegiado para a sustentação referida. É mister pensar na estrutura oferecida pela instituição, na capacitação da equipe de educadores, na função exercida pela gestão, assim como nas possíveis intervenções do profissional da Psicologia nesse percurso de reconstrução da estruturação psíquica.

As contribuições winnicottianas nessa direção versam predominantemente sobre instituições totais, que vêm a substituir o cuidado materno, paterno e familiar que falhou. No entanto, é viável transpor as suas considerações para instituições como a escola, em que a estrutura familiar está preservada, mas vem apresentando dificuldades que uma intervenção institucional poderia ajudar a resolver.

Para ilustrar, trazemos, em seguida, recortes de achados de pesquisa de doutoramento, realizada com o objetivo de discutir a função da escola na construção de cidadanias, em que uma escola pública e uma escola privada da cidade do Recife serviram de palco para a produção de um diário de campo, utilizado na referida pesquisa como uma das fontes de dados que foram analisadas.

A escola azul e a escola amarela

De pequeno porte, com muros a separar a 'zuada' das ruas que cortam a cidade do pátio de recreação das crianças, ambas com mais de trinta anos de atuação na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a escola azul e a escola amarela, privada e pública respectivamente, possuem muitas coisas em comum.

A existência de crianças assistidas numa proposta de inclusão é visível no primeiro contato com ambas as instituições. Nos dois espaços escolares, encontramos gestoras bastante atuantes e comprometidas com a realidade das crianças que assistem, assim como um corpo de educadores interessado e ávido por conhecimentos que possam vir a agregar em suas práticas educativas. Sendo uma instituição pública, regida pela Secretaria Municipal de Educação, a escola amarela apresenta um diferencial decorrente da parceria existente com uma instituição religiosa, a qual lhe cede profissionais, entre eles uma psicóloga.

No período que variou de seis a oito semanas, foram realizadas visitas sistemáticas, com duração de um turno de funcionamento de atividades regulares, para a construção do material utilizado na pesquisa. Observações de espaços de recreação, atividades de planejamento e avaliação, evento cultural da escola e momentos com a presença dos pais

foram as atividades realizadas concomitantemente à realização de entrevistas livres com professores, gestores e psicólogos.

Para o objetivo aqui proposto, iremos nos deter às considerações acerca da realidade encontrada na escola amarela, espaço educacional que atende uma comunidade bastante carente, marcada pela violência e pela falência da provisão do Estado. Recorrentes foram os relatos ouvidos dos educadores acerca das precariedades vivenciadas no dia a dia da escola; para além de questões estruturais e de falta de reconhecimento, surgiram demandas que traziam marcas de um percurso desenvolvimental marcado por ausências e excessos, resultantes em crianças com questões para além da dificuldade de aprendizagem.

Histórias de vida cheias de perdas, lutos, fracassos, vitimização, condenações penais, inexistência de um mínimo de abrigo para constituir uma morada, abandonos, maus tratos, entre tantas outras realidades duras construía o cenário de atuação daquele grupo de profissionais, entre eles uma psicóloga. A escuta dos educadores mostrava uma luta permanente com a ausência de suporte familiar, com ações coletivas para mobilizar donativos para situações mais extremas, como um incêndio que atingiu a família de três crianças da escola. No pátio, o colorido da infância parecia diminuir aquela aspereza há pouco relatada pelos professores, com brincadeiras grupais, risos altos e muito movimento.

Por diferentes fatos geradores, muitas das crianças da escola amarela enfrentaram dificuldades de diferentes níveis, causando alterações no curso do desenvolvimento do amadurecimento pessoal de cada uma delas. A escola, nesse contexto, tem função primordial, servindo-lhes com algo que vai muito além do ensino. Com as crianças pequenas, integrantes da Educação Infantil, o conteúdo fica secundarizado ao riquíssimo valor do brincar espontâneo, adequadamente conduzido por um adulto, minimamente instruído acerca das necessidades nesse momento de desenvolvimento.

Sobre esse aspecto, o próprio Winnicott (1975) traz que “o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma fonte de comunicação (...)” para a criança (WINNICOTT, 1975, p. 63), relacionando, ainda, a atividade lúdica à matriz da capacidade de concentração dos adultos. O referido autor destaca o brincar como espaço potencial de desenvolvimento infantil, apontando que, para aqueles que conseguem tirar proveito das brincadeiras sozinhos, com outras crianças ou com adultos, “ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade

criadora, que quer dizer vivência” (WINNICOTT, 1982, p. 163). Por meio do brincar, exercita-se a criatividade, cria-se um mundo magicamente situado no ventre das necessidades daquela criança e da realidade apresentada pelo mundo. Poder criar e experimentar livremente os objetos que se apresentam durante a infância pode constituir-se como alicerce para a construção de diferentes saberes.

Considerações Finais

A partir das considerações winnicottianas acerca do lugar do ambiente no processo de amadurecimento humano, a escola configura-se como uma extensão dos braços maternos. As elaborações conceituais de Araújo (2007) acerca das diferentes instâncias atuantes na provisão ambiental para o atendimento das necessidades de uma criança apontam o repertório institucional como possibilidade de suprimento para eventuais falhas que tenham sido vivenciadas no percurso saudável do amadurecimento pessoal.

As crianças da escola amarela, em sua maioria, viveram perdas que não possibilitaram a crença de que o mundo é confiável, que pode ser encontrado e que é capaz de atendê-lo em suas necessidades. Ao contrário, o mundo, para eles, apresenta-se de forma hostil e invasiva, resultando numa forma de estar no mundo e de relacionar-se com os outros pelo registro da destrutividade. Com o passar dos tempos de escolarização, surgem as intermináveis queixas que elidem toda e qualquer possibilidade de intervenção. A própria família, também diante de inúmeras privações, sustenta o discurso de que “esse menino não tem mais jeito”.

O professor, nesse árido cenário, tem primordial função junto ao processo de resgate dessa criança, possibilitando à mesma a capacidade de acreditar que o ambiente é capaz de suprir as suas necessidades. Para tanto, faz-se necessário um investimento na formação de educadores, assim como na própria instituição educacional, espaço fundamental para o desenvolvimento emocional das novas gerações e para a aquisição de conhecimentos indispensáveis para o exercício da cidadania.

Nesse contexto, o profissional de Psicologia tem o papel de atuar como intermediador de ações e, com uma escuta diferenciada, conseguir desvincular-se da concretude da falta e facilitar o processo de identificação de elementos passíveis de ajudar as crianças na retomada do seu processo de desenvolvimento pessoal saudável. Eminentemente, produzir modos de intervenção para a promoção da saúde mental, ajudando a equipe de educadores na compreensão de que “ocupar um lugar no mundo é ocupar um lugar na vida de um outro.

Somente a partir desta experiência é que o olhar poderá se voltar para o mundo com curiosidade e desejo” (BRACCO, 2005), o que é essencial para a produção do conhecimento formal e para a transmissão do legado de gerações, acumulado e transmitido pela instituição escolar. É importante ter clareza de que:

Muito se pode fazer pelas gerações futuras quando efetivamente há uma preocupação com o cuidado da criança pré-escolar. A escola tem um papel fundamental e o professor é uma figura central nesse processo e, desde que tenha um real interesse por criança, uma possibilidade real de identificar-se com elas e disposição para conhecer o que acontece durante o crescimento delas, pode colaborar significativamente para o crescimento de muitas potencialidades humanas. (RIBEIRO, 2008).

Além de atuar nos muros da instituição, o psicólogo escolar pode favorecer a formação de alianças e de acordos junto às famílias, assim como intermediar conhecimentos oriundos de intervenções de especialistas das mais diversas áreas que possam vir a atuar junto às necessidades singularizadas de cada criança.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. S. de. **Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott**. São Paulo, 2007, 204f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Zeljko Loparic.

BRACCO, S. M. **Psicanálise e educação**: um diálogo possível. Simpósio Internacional do Adolescente, 1., 2005, São Paulo.

RIBEIRO, M. J. O início das vivências escolares: contribuições da obra do psicanalista D. W. Winnicott. **Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação**. Ano 6, n. 11. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2008.

WINNICOTT, D. W. 1940a: Crianças e suas mães. *In: Privação e delinquência* (Trad. Álvaro Cabral). 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2005, p. 11-18.

_____. 1947e. Tratamento em regime residencial para crianças difíceis. *In: Privação e delinquência* (Trad. Álvaro Cabral). 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2005, p. 59-80.

_____. 1965p [1960]. Família e maturidade emocional. *In: A família e o desenvolvimento individual*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 129-138.

_____. 1965ve [1963]. Psicoterapia dos distúrbios de caráter. *In: O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto alegre: Artes Médicas, 1983, p. 184-195.

_____. 1965vf [1960]. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. *In: A família e o desenvolvimento individual* (Trad. Marcelo Brandão Cipolla). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 21-28.

_____. 1968e [1967]. A delinquência como sinal de esperança. *In: Tudo começa em casa* (Trad. Paulo Sandler). 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 81-91.

_____. 1969c [1968]. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. *In: O brincar e a realidade* (Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre). Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 187-202.

_____. 1970b [1969]. A experiência mãe-bebê de mutualidade. *In: WINNICOTT, Clare. Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott. Clare Winnicott, Ray Shepherd & Madeleine Davis* (Trad. José Octavio de Aguiar Abreu). Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 195-202.

_____. *O brincar e a realidade* (Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *A criança e o seu mundo* (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: LTC, 1982.